

ESCOLAS BILÍNGUES PARA SURDOS, EM DEFESA DOS DIREITOS LINGÜÍSTICOS.

Elizete Olinto Ferreira dos Santos – Fac. Montenegro
elizeteolinto@gmail.com

Prof. Esp. Nehemias Nasaré Lourenço (orientador) – UEPB
prof.nemo@hotmail.com

Resumo

Neste trabalho apresentamos resultados de uma pesquisa sobre Escolas Bilíngues para Surdos. Trabalhamos em um contexto nacional e virtual, buscamos notícias publicadas em sites, blogs, Facebook, Youtube e demais redes sociais, como também referências de pesquisadores que são a favor dessa proposta educacional. Para Karnopp, Klein e Lunard-Lazzarin (2011) os espaços virtuais propiciam uma interação nacional e possibilitam a construção de significados culturais e de identidades surdas. Consideramos serem as redes sociais virtuais um importante espaço político e por esse motivo buscamos dados de passagem dos momentos históricos sobre o movimento político da comunidade surda referente à sua educação. O trabalho objetiva apresentar o percurso histórico dessas comunidades em defesa dos direitos linguísticos, em prol de escolas bilíngues para surdos no Brasil, identificando as conquistas alcançadas pelo movimento social desses sujeitos. As questões abordadas levam a refletir quem é o sujeito surdo e suas peculiaridades, as abordagens educacionais utilizadas na educação do mesmo, com o passar dos tempos e quais suas reivindicações e avanços concretos na causa.

Palavras-Chaves: Surdos. Escolas Bilíngues. Direitos Linguísticos.

Abstract

In this paper, we present results of a research on Bilingual Schools for the Deaf people, the struggle in defense of the Education. We work on a national and virtual context, we seek news published on website, blogs, Facebook, YouTube and other social networks, as well as references of researchers in favor of this educational proposal. To Karnopp, Klein and Lunard-Lazzarin (2011) virtual spaces provide a national interaction and enable the construction of cultural meanings and deaf identities. We consider virtual social networks important political space and therefore we seek historical data about the political movement of the deaf community in relation to its education. This paper aims to present the historical trajectory of those communities in defense of their linguistic rights, in benefit of bilingual schools for the deaf people in Brazil. In addition, the paper aims to identify the achievements made by the deaf social movement. The issues addressed here lead to reflect who is the deaf individual and which are his/her peculiarities, as well as the educational approaches used in the education of him/her throughout the time, and which are his/her demands and concrete advance in the cause.

Keywords: Deaf. Bilingual Schools. Linguistic Rights.

Introdução

Sabe-se que a educação é um aspecto fundamental para o desenvolvimento do homem e deve ser levado em consideração a sua singularidade. Portanto faz-se necessário buscar intervenções pedagógicas para que o aluno desenvolva suas habilidades e socialização. Para tal, é fundamental que a comunidade escolar se comprometa em adequar-se metodologicamente, favorecendo tanto o ingresso como a permanência desse aluno no ambiente escolar.

As pessoas surdas enfrentam diversas barreiras na sua formação acadêmica devido às propostas educacionais pensadas e desenvolvidas para uma maioria de pessoas ouvintes, que são sujeitos que elaboram sua construção de mundo através de experiências sonoras, essas abordagens educacionais marcaram o processo ensino aprendizagem do discente surdo, passando do oralismo ao bilinguismo.

A opressão histórica vivida pelos surdos durante séculos os levou a organizarem-se politicamente através de movimentos sociais para difundir suas diferenças linguística e cultural, travando uma batalha incansável em favor de Escolas Bilíngues, em defesa dos seus direitos linguísticos.

A ameaça de fechamento do Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES¹ desencadeou em todo país, através dos meios de comunicação, especialmente as redes sociais a exemplo do Facebook e Youtube, um conclave das comunidades surdas. Esse movimento foi intitulado *Movimento Surdo em Favor da Educação e da Cultura Surda, em defesa das Escolas Bilíngues para Surdos*, para que a sociedade participasse de discussões a respeito dos seus direitos e reivindicações, promovendo: passeatas, apresentações culturais, audiências públicas, seminários, fóruns, palestras e debates, que buscassem o esclarecimento de quem são e o que desejam.

Dessa forma, o objetivo desse trabalho é buscar dados que relatem esse Movimento e as vitórias alcançadas. Para tanto, abordaremos quem é esse sujeito,

¹ Instituição que existe desde meados do século XIX, no Rio de Janeiro, sendo funda pelo imperador D. Pedro II por iniciativa do surdo francês E. Huet, e considerada pela comunidade surda brasileira como um marco histórico e local de resistência da Língua de Sinais e da Cultura Surda.

considerando suas peculiaridades. Faremos um breve passeio na história, conhecendo um pouco de sua trajetória até os dias atuais. Contextualizaremos o percurso educacional dos surdos e seus desafios; as abordagens educacionais com o passar dos séculos: do oralismo até o bilinguismo. Iremos tratar a respeito da defesa no Brasil por escolas bilíngues para surdos, desde a ameaça do fechamento do INES; passando pela reação da comunidade surda no Brasil, destacando o Setembro Azul como marco da mobilização nacional em favor das escolas bilíngues; vislumbrando as conquistas dessa causa e as novas escolas bilíngues que estão sendo abertas em alguns estados da federação. Toda pesquisa foi feita através de levantamento de referências de um estudo bibliográfico com base de dados periódicos, e estudos sobre o tema. Tomando como espaço de análise os grupos virtuais de discussão nas redes sociais.

O sujeito Surdo é visto como um cidadão que tem uma maneira singular de entender e se relacionar com o mundo que o cerca, possuindo a língua de sinais como sua língua materna. Mediante a isto, no presente trabalho, será adotado o termo “Surdo” para identificar o público alvo da pesquisa, partindo assim, desta perspectiva sociocultural.

No Brasil a língua de sinais utilizada pela comunidade surda é denominada de LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais. A apropriação dessa língua exerce um papel fundamental no desenvolvimento do sujeito surdo, pois é através dessa língua que acontece a interação social, política e educacional desse sujeito. Ao tratar sobre isso MAIA (2009) diz:

A LIBRAS é capaz de expressar ideias sutis, complexas, abstratas, pensamento, poesias e humor. A LIBRAS enriquece seu vocabulário com novos sinais introduzidos pela comunidade surda em resposta às mudanças culturais e aos modos de uso, que sofrem mudanças com o passar dos tempos. Os seus usuários podem discutir filosofia, literatura, política, esporte, trabalho, etc.

A língua de sinais teve seu status de língua reconhecido na década de 60, após Willian Stokoe, um conceituado linguista americano, ter pesquisado e provado o valor linguístico da ASL – Língua de Sinais Americana, que semelhantemente a língua oral poderia cumprir funções equivalentes, inclusive no que se refere ao nível de abstração, obtendo os seguintes atributos: flexibilidade, versatilidade, arbitrariedade,

descontinuidade, criatividade/ produtividade, dupla articulação, padrão e dependência estrutural.

O abade Charles Michael de L'Épée (1712-1789), foi o criador em 1760 da primeira escola pública para surdos, na França, que mais tarde tornou-se o Instituto Nacional de Surdos-Mudos em Paris, mantido pelo governo. Ao falar de L'Épée, HONORA (2009) afirma:

O abade Charles-Michael de L'Épée (1712-1789) foi um educador filantrópico francês que ficou conhecido como “Pai dos Surdos” e também um dos primeiros que defendeu o uso da Língua de Sinais (...) teve a disponibilidade de aprender a língua de sinais para poder se comunicar com os surdos (...) referindo-se à língua de sinais com respeito.

Segundo Maia (2009), ao passear pela história, vemos que só a partir do século XIX que as primeiras tentativas de educação dos surdos brasileiros começaram a surgir apenas em 1857. Quando D. Pedro II convida o professor surdo Eduard Huet para criar no Brasil o Instituto Nacional dos Surdos-Mudos, isso deixa claro que o interesse pela educação desse povo aconteceu de forma tardia no nosso país em comparação aos demais.

Logo após o congresso de Milão² que aconteceu em 1880, a língua de sinais foi suprimida da educação de surdos, sendo substituída pela língua oral. Nessa abordagem oralista de ensino, acredita-se que o sujeito surdo deve ser integrado na comunidade ouvinte utilizando de recursos como o treinamento de auditivo, treinamento da fala e a leitura labial, trazendo a “normalidade” desejável à comunicação. Segundo GOLDFELD (1997):

O oralismo, ou filosofia oralista, usa a integração da criança surda à comunidade de ouvintes, dando-lhe condições de desenvolver a língua oral (no caso do Brasil, o Português). O oralismo percebe a surdez através da estimulação auditiva.

² Evento importante que marcou a adoção da filosofia oralista para a educação de surdos em todo o mundo.

Na década de 60, depois de muitos fracassos com a adoção da filosofia oralista pura e por influência do reconhecimento da Língua de Sinais como língua natural, depois dos estudos do linguista Willian Stokoe, surge a filosofia denominada de Comunicação Total, que é a filosofia também conhecida como bimodalismo, que utiliza de vários recursos para a comunicação.

A filosofia educacional bilinguista surgiu com o objetivo de habilitar o surdo para comunicar-se através da língua de sinais e da língua oral na modalidade escrita. Essa abordagem é defendida pelos bilinguistas por entenderem que esse sujeito deve ter contato com sua língua natural desde a infância e de preferência através do convívio surdos adultos que dominem a língua gestual.

A aquisição da linguagem em crianças surdas deve acontecer através de uma língua visual-espacial. No caso do Brasil, através da língua de sinais brasileira. Isso independe de propostas pedagógicas (desenvolvimento da cidadania, alfabetização, aquisição do português, aquisição dos conhecimentos, etc.), pois é algo que deve ser pressuposto. Diante do fato de crianças surdas virem para a escola sem uma língua adquirida, a escola precisa estar atenta a programas que garantam o acesso à língua de sinais brasileira mediante a interação social e cultural com pessoas surdas. (QUADROS, 2002-2003).

O que ainda continua em discussão é de que forma essa língua deve ser inserida na vida escolar da criança surda, se de maneira simultânea, desde a infância tendo contato com as duas línguas, ou consecutiva, primeiro a criança tem o contato com a língua de sinais e só posteriormente com a segunda língua. A respeito do bilinguismo GOLDFELD (1997) diz:

O Bilingüismo tem como pressuposto básico que o surdo deve ser Bilíngüe, ou seja deve adquirir como língua materna a língua de sinais, que é considerada a língua natural dos surdos e, como Segunda língua , a língua oficial de seu país(...)os autores ligados ao Bilingüismo percebem o surdo de forma bastante diferente dos autores oralistas e da Comunicação Total. Para os bilingüistas, o surdo não precisa almejar uma vida semelhante ao ouvinte, podendo assumir sua surdez.

Existem quatro diferentes perspectivas críticas de bilíngüismo segundo SKLIAR (1998). São eles:

O bilinguismo com aspecto tradicional, que mostra a visão clínica a respeito do sujeito surdo, sendo ainda o foco principal dos educadores. O bilinguismo com aspecto

humanista e liberal, que aprecia a existência de uma igualdade natural entre ouvintes e surdos. O bilinguismo progressista, que desconsidera a história e a cultura do surdo, apesar de ressaltar a noção de diferença dessa cultura e a modalidade bilinguismo crítico, que defende a não utilização da língua de sinais na educação dos surdos, no seu contexto linguístico e sim para mediar à língua oral, vendo a mesma como sendo a língua principal desse sujeito.

Metodologia

O presente trabalho trata de uma pesquisa qualitativa, quanto a característica de abordagem metodológica. Segundo os objetivos, identifica-se como tipo de pesquisa exploratória, devido a aproximação do objeto de pesquisa e busca informações sobre o tema através de levantamento de referências através de um estudo bibliográfico com base de dados em periódicos, e estudos sobre o tema. Tomamos como espaço virtual de análise os grupos virtuais de discussão nas redes sociais. Buscando analisar o movimento social em prol de escolas bilíngues para surdos no Brasil, a partir de notícias, manchetes e postagens em redes sociais.

Para tal procedimento foi utilizada a técnica da documentação indireta através da produção de resumos e fichamentos. E quanto aos objetivos do trabalho eles são do tipo exploratório, pois como esclarece Gonçalves (2007, p.67) “a pesquisa exploratória é aquela que se caracteriza pelo desenvolvimento e esclarecimento de ideias, com objetivo de oferecer uma visão panorâmica, uma primeira aproximação a um determinado fenômeno que é pouco explorado”.

Análise dos resultados

No ano de 2011, deu-se início a uma mobilização de política nacional a favor das escolas bilíngues para surdos que foi denominada de SETEMBRO AZUL, tendo como foco principal o combate ao fechamento das escolas especiais para surdos – INES – Instituto Nacional da Educação de Surdos. Por isso, a data de 26 de setembro, dia

Nacional do Surdo, que já era comemorado anualmente, passou a ser escolhida para marcar e articular atividades sociais e políticas em defesa das escolas bilíngues para surdos, com o apoio das diversas comunidades e associações de surdos espalhadas em toda a América Latina. Utilizando-se das redes sociais e demais mídias para convocar toda a sociedade, fazendo com que os familiares, simpatizantes e políticos aderissem à causa.

Os líderes responsáveis pela organização do movimento disponibilizaram um espaço na web, e-mail e facebook, para que todos pudessem fazer perguntas e tirar dúvidas a respeito do movimento. Artistas e personalidades, ouvintes e surdos apareceram juntos em vídeo no youtube e em fotos nas redes sociais, convidando a população a participar das passeatas e a conhecer de perto as necessidades educacionais dessa comunidade e seus direitos linguísticos.

Um exemplo positivo desse conclave foi em Brasília, nos dias 19 e 20 de maio de 2011, onde aconteceram passeatas organizadas pelo Movimento Surdo em Favor da Educação e em defesa da Escola Bilíngue para Surdos, reunindo um grande número de pessoas que juntas faziam ecoar suas “vozes”, movidas de um forte desejo de serem compreendidas como cidadãos, sendo garantido o direito de terem um espaço escolar que respeite a sua língua natural.

Também na cidade João Pessoa, aconteceu no dia 26 de setembro de 2013, na Assembleia Legislativa, uma sessão especial para debater a inclusão de escolas bilíngues para surdo no PNE – Plano Nacional de Educação.

Outro marco dos movimentos sociais da pessoa surda foi a 3ª Conferência Nacional pelos Direitos das Pessoas com Deficiência, em 2012, segundo o site <http://bilínguesparasurdosja.com/>, diz que 81% dos delegados apoiaram a Proposta de um Programa Nacional de Escolas e Classes Bilíngues com Libras como L1 e Português escrito como L2, além de educação bilíngue em classes inclusivas de escolas comuns, com base no Art. 22 do Decreto 5.626/2005 e do Art. 24 da *Convenção dos Direitos das Pessoas com Deficiência*, essa proposta foi aprovada trazendo muita euforia e esperança de tempos melhores para todos os envolvidos nessa causa.

Alguns avanços e conquistas começaram a apontar em todo Brasil, como por exemplo, no estado de Rondônia. Foi inaugurado em abril de 2013 a Escola Municipal Bilíngue Porto Velho, primeira no estado, oferecendo 150 vagas do Pré - escolar ao 5º ano. Além dela, outras escolas bilíngues para surdos foram abertas em municípios da

federação, a exemplo da cidade de Fortaleza, onde a Secretaria Municipal de Educação (SME) divulgou que a Escola Municipal de Educação Bilíngue Francisco Suderlan Bastos Mota, funcionará em tempo integral desde a Educação infantil até o Ensino Fundamental, com a proposta de trabalhar a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como primeira língua e sendo essa a língua de instrução do aluno, e como segunda, a Língua Portuguesa em sua modalidade escrita. Notícia divulgada no site (<http://tribunadoceara.uol.com.br/noticias/fortaleza/fortaleza-implantara-escolabilingue-para-surdos/>).

No interior da Paraíba, foi inaugurada no ano de 2012 a segunda Escola Bilíngue a ser implantada no País. A Escola Bilíngue Nossa Senhora da Conceição, nasceu da parceria da prefeitura e a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e recebe alunos surdos, surdo – cego, dentre outras deficiências, oferecendo desde a educação infantil até o EJA – Educação de Jovens e Adultos, atendendo não apenas a cidade de Sumé, mas também cidades circunvizinhas.

Em São Paulo, a Escola Municipal de Educação Bilíngue para Surdos Helen Keller, atende crianças, jovens e adultos com surdez e com deficiências associadas, como por exemplo surdocegos. Essa escola existe há décadas e passou da abordagem oralista até chegar ao bilinguismo. No blog <http://surdohk.blogspot.com.br/>, podemos encontrar diversos projetos desenvolvidos por educadores e educandos dessa instituição, sempre utilizando a Língua de Sinais como primeira língua e trazendo a tona debates e desenvolvendo projetos a exemplo do Teatro das Sombras, que busca discutir temas importantes, a respeito do sujeito surdo.

Dentre esses e outros avanços, após toda mobilização da Comunidade Surda, familiares e apoiadores da causa, a Câmara Distrital de Brasília aprovou o Projeto de Lei 725/2012, de autoria do Deputado Wellington Luiz, autorizando a criação de uma Escola Bilíngue para Surdos, com a Língua de Sinais como L1 (primeira língua) e a Língua Portuguesa L2 (como segunda língua), em sua modalidade escrita, respeitando a diferença linguística desse grupo. Resta agora o Governo Distrital sancionar a lei e trabalhar para que de fato as escolas sejam implantadas com a qualidade do ensino desejado.

Conclusão

A sociedade sempre tentou adaptar o surdo ao mundo dos ouvintes, e através dessa pesquisa podemos constatar os preconceitos, dificuldades e angustias na defesa de uma educação de qualidade.

Hoje, após vários movimentos sociais, os Surdos são reconhecidos, inclusive por lei, como comunidade cultural e linguística diferenciada, resistem aos padrões impostos pela sociedade considerada “normal” e defendem as escolas com abordagem educacional bilinguista, valorizando a língua de sinais como primeira língua do surdo e a língua portuguesa aprendida na sua modalidade escrita.

A LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais passou a ter visibilidade na nossa sociedade, mas ainda existem conceitos errôneos a cerca do seu status de língua, que foi obtido após anos de pesquisa, com os atributos de flexibilidade, versatilidade, arbitrariedade, descontinuidade, criatividade/ produtividade, dupla articulação, padrão e dependência estrutural.

Ainda podemos encontrar escolas trabalhando com modalidade educacional muito aproximada do oralismo e outras com o sistema de integração do surdo no ensino regular, onde toda instrução é dada em português (oral e escrito) fazendo o uso de um profissional tradutor intérprete de Libras, como forma de incluir esse aluno.

Podemos concluir, por meio dessa pesquisa que estamos longe de ter uma escola pública de qualidade que atenda às diferenças dos sujeitos surdos, porém as conquistas apresentadas evidenciam a importância da continuidade desse debate, é preciso pensar na qualidade desse ensino no que diz respeito a toda comunidade escolar e especialmente ao corpo docente que deverá ser capacitado para que haja êxito no trabalho desenvolvido.

Referências

FENEIS, Disponível em:

http://www.feneis.org.br/page/artigos_detalhe.asp?categ=0&cod=41. Acesso em: 29 de janeiro de 2014.

GOLDFELD, M. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sócio - interacionista**. São Paulo: Plexus, 1997.

HONORA, M. **Livro Ilustrado de Línguas de Sinais: desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009.

INSTITUTO CULTURAL EDUCACIONAL E PROFISSIONALIZANTE DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA DO BRASIL.

Disponível em <http://www.icepbrasil.com.br/site/index.php/noticias/todas-as-noticias/618-aprovada-criacao-de-escola-bilingue-com-libras-como-primeira-lingua>. Acesso: em 18 de janeiro de 2014.

KARNOPP, LB; KLEIN, M.; LUNARDILAZZARIN, M. **Produção, circulação e consumo da cultura surda brasileira**. In: KARNOPP, LB; KLEIN, M.; LUNARDILAZZARIN, M. (orgs.). **Cultura surda na contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações**. Canoas: Editora da ULBRA, 2011.

QUADROS, R. M. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artmed, 1997.

QUADROS, Ronice Miller. **Situando as Diferenças implicadas na Educação de Surdos: Inclusão/Exclusão**. In Revista Ponto de Vista, UFSC. N.º 4. 2002-2003.

SKLIAR, Carlos. **A Surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998. QUADROS R.M. **Estudos Surdos I**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2006.

TRIBUNA DO CEARÁ.

Disponível em <http://tribunadoceara.uol.com.br/noticias/fortaleza/fortaleza-implantara-escolas-bilingue-para-surdos>., acesso em: 30 de janeiro de 2014.

VELOSO, Éden; MAIA, Valdeci. **Aprenda libras com eficiência e rapidez**. Curitiba, PR: Editra MãoSinais, 2009.